

UNIVERSIDADE FEDERAL DE PELOTAS
Faculdade de Educação
Programa de Pós-Graduação em Ensino de Ciências e Matemática



Produto Educacional:

EDUCAÇÃO SEXUAL NO ENSINO FUNDAMENTAL: construindo
uma unidade didática

Proposta de Ensino “Falando de Sexo”

LUCIANA HENZEL DOS SANTOS

Orientadora: Prof^a Dr^a Francele de Abreu Carlan

Pelotas, RS

2019

Sumário

1-INTRODUÇÃO	1
2-FUNDAMENTAÇÃO TEORICA	2
2.1 MITOS E TABUS: DO CONTEXTO CULTURAL A REALIDADE SOCIAL E ESCOLAR	4
2.2 Educação Sexual ou Orientação sexual? a história e os conflitos com o tema	5
2.3 EDUCAÇÃO SEXUAL E O CONTEXTO DA ESCOLA	6
2.4 Unidade didática com foco no ensino e na aprendizagem	7
3. PROPOSTA DE ENSINO: UNIDADE DIDÁTICA “FALANDO DE SEXO”	8
3.1 CARTILHA DO ADOLESCENTE: “ CRESCENDO E ADOLESCENDO”	9
4. REFERÊNCIAS	10

1. Introdução

O produto apresentado, a seguir, foi pensado a partir das análises e resultados obtidos nas séries finais do ensino fundamental na disciplina de Ciências. É importante destacar que o material produzido deve ser adaptado pelo professor, de acordo com sua realidade escolar. Os jovens estão se tornando sexualmente maduros, cada vez mais cedo, prolongando a vida sexual por mais tempo. Poucos são aqueles que recebem a orientação familiar adequada, pois o tema ainda é tratado como tabu pela sociedade. Sem orientação os adolescentes tornam-se vulneráveis às Infecções Sexualmente Transmissíveis, também chamada de “IST”¹, à violência sexual, à gravidez indesejada, ao bullying, à depressão, entre outros problemas que podem comprometer a vida sexual e social. Em pleno século XXI percebe-se, ainda, que a educação sexual é pouco abordada com os adolescentes pelas suas famílias que colocam na escola essa responsabilidade. Como também, ainda existem aqueles que não aceitam que o tema seja trabalhado pelos educadores por acreditarem que sexualidade é assunto a ser discutido somente pela família. Por outro lado, as escolas sentem-se despreparadas e mal equipadas para trabalhar o assunto, mas o têm feito por acreditarem que seja obrigação das instituições de ensino trabalhar o conhecimento científico, debaterem e dialogarem sobre a saúde sexual, sobre os cuidados com o próprio corpo, ensinarem os jovens a respeitar as diferentes orientações sexuais, a se defenderem da violência sexual, enfim auxiliarem os alunos a cuidar de si. Ignorar, ocultar ou reprimir o tema no espaço da escola não é atitude desejável para quem tem a missão de formar cidadãos (BRASIL, 2000). Neste contexto, as escolas devem oferecer um espaço que tenha a finalidade de esclarecer dúvidas, contribuindo para o alívio das ansiedades que, muitas vezes, interferem na aprendizagem dos conteúdos escolares (BRASIL, 2000).

Logo, a proposta pedagógica apresentada, tem como objetivo auxiliar no aperfeiçoamento do trabalho docente, na educação básica, ao sugerir a elaboração e desenvolvimento de uma Unidade Didática (U.D.) como proposta de ensino,

¹ ISTs- A terminologia Infecções Sexualmente Transmissíveis (IST) passa a ser adotada em substituição à expressão Doenças Sexualmente Transmissíveis (DST), porque destaca a possibilidade de uma pessoa ter e transmitir uma infecção, mesmo sem sinais e sintomas.

representando uma alternativa a ser trabalhada sobre o tema sexualidade, como forma de conhecer a realidade do aluno, auxiliando em sua transformação biopsicossocial. Vale ressaltar que a fundamentação teórica, que compõe esse produto, foi retirada da dissertação de mestrado (que gerou esse produto) e escolhidos os itens que foram julgados importantes trazer ao conhecimento dos professores.

2. Fundamentação teórica

A fundamentação teórica baseou-se nos ideais do eixo temático “Orientação Sexual” proposto pelos Temas Transversais dos Parâmetros Curriculares Nacionais (BRASIL, 1998). Para embasamento do estudo buscou-se contemplar reflexões sobre as questões do desenvolvimento sexual dos adolescentes, bem como as transformações biopsicossociais, o contexto cultural brasileiro que levou à criação de mitos e tabus, o que dizem as políticas públicas sobre a educação sexual, a educação sexual e o contexto da escola e os estudos sobre ensino e aprendizagem. Autores como Furlani (1998), Gemino e Sacristán (2000), Delizoicov, Angotti e Pernambuco (2009 e 2011), Figueiró (2011), Souza (2002), Siqueira (2008) entre outros fundamentaram esse estudo em sua referência e análise das discussões.

2.1 Mitos e Tabus Sexuais: do contexto cultural à realidade social e escolar

Um mito sexual pode ser compreendido como o conjunto de “concepções errôneas” ou criadas a partir de rumores superstições, fanatismo ou educação sexual falha, reforçadas pela falta de informação científica correta, permitindo que o senso comum prevaleça e determine as “verdades” balizadoras das práticas sexuais dos indivíduos de forma crônica (FURLANI, 1998). As ideias contidas nos mitos não têm fundamentação científica, desta forma o mito passa a agir como causa e consequência, vindo a constituir-se uma forma de distúrbio sexual emocional e comportamental, tal como observamos em algumas culturas. Por exemplo, na China, Malásia e Bornéu foi constatada uma patologia psíquica denominada “Koro”. As vítimas têm receio mórbido que seu pênis esteja encolhendo e acabem por desaparecer dentro do abdômen, levando a morte. Para impedir amarram um cordão ao redor do pênis ou encaixam em

talas de madeira. Caso não resolver eles pedem para os membros da família para que fiquem segurando firmemente o órgão. Já entre os nativos da Nova Guiné, os Kiwai, acreditava-se que a mulher dará luz a gêmeos se comer bananas de uma bananeira com dois cachos, assim como a mulher que comer aranhas e seus ovos podem superar a esterilidade. Em uma tribo indígena brasileira chamada de “Os Tucanos”, acreditam que uma mulher grávida deve evitar relações sexuais para impedir que o número de fetos aumente muito ao ponto de explodir. (FURLANI, 1998)

Até hoje, se acredita em alguns mitos como o tamanho do pênis influenciar no prazer sexual, a masturbação fazer mal e poder criar cabelo na mão e produzir espinhas, o prazer sexual da mulher ser menor que o do homem, a ejaculação ser sinônimo de orgasmo, a intensa ejaculação levar ao término de espermatozoides e tornar o homem estéril, a mulher não poder lavar os cabelos quando está menstruada porque é perigoso enlouquecer ou até morrer, entre outros. (FURLANI, 1998)

O tabu tem origem na Polinésia e significa “sagrado e invulnerável”, tendo como conceito mais abrangente a proibição imposta por tradição ou costume acerca de atos, modos de vestir, temas, palavras ou aquilo que não pode ser violado, sob pena de reprovação e perseguição social. Se no mito o que prevalece é o desconhecido, a falta de informação ou a análise fantasiosa da realidade, no tabu o componente da discriminação e do preconceito é o conjunto de palavras, atitudes, práticas e valores morais que a sociedade não legitima. (FURLANI, 1998)

Entre os tabus sexuais de influência comportamental temos: o da virgindade feminina até o casamento; o do adultério de ser apenas considerado se a mulher o praticar; em muitas sociedades a poligamia ser permitida somente para os homens e as mulheres que a praticarem serem mortas ou punidas. Por exemplo, entre os esquimós há uma prática comum de hospitalidade sexual com a troca de esposas e filhas. Entre os Netsilik é permitida a poligamia (casamento de um homem com duas ou mais mulheres), a poliandria (casamento de uma mulher com dois ou mais homens) e entre os povos do Oriente Médio são comuns à constituição de hárens.

O tabu contra o adultério feminino revela, mais uma vez, as desigualdades sociais frente às condições de mulheres e homens. No entanto, penso que reflete, acima de tudo, questões de ordem relacional do que institucional. Refiro-me a qualidade dos relacionamentos e as insuportáveis e insuperáveis imposições familiares e sociais que levam os indivíduos a não romperem com seus casamentos, preferindo

assumir condutas adúlteras. Mais um comportamento paradoxal da sociedade que pode ser contextualizada e discutida na Educação Sexual. (FURLANI, 1998).

O tema sexualidade é carregado de tabus devido, principalmente, a castração religiosa imposta pelas igrejas, afetando a forma da sociedade encarar sua sexualidade. O primeiro deles se refere ao “pecado” de Adão e Eva e a ideia de que tudo que diz respeito a relação e ao prazer sexual estão ligados ao sentimento de “vergonha” e “culpa” (COSTA, 1986). Segundo Gauderer (1994), as regras foram surgindo como mitos e tabus para estabelecer limites ao sexo. Um exemplo era o tabu do incesto, cuja finalidade era evitar a mistura de material genético de pessoas consanguíneas, o que poderia acarretar na deterioração da espécie. Os tabus e mitos relacionados à masturbação, sexo anal e homossexualismo que se originaram, justamente, por não se tratarem de atividades de procriação, pondo em risco a perpetuação da espécie. Segundo o autor, esses mitos surgiram numa época em que a sobrevivência do ser humano girava em torno dos 30 anos e a sociedade necessitava de material humano para enfrentar as guerras, para trabalhar na lavoura, para o sustento da família, etc.

Neste contexto, Foucault (1988) mostra que a sexualidade sofre influências sociais, culturais e históricas. É a sociedade e a cultura que determinam se algumas práticas sexuais são apropriadas ou não, morais ou imorais, saudáveis ou não, permitidas ou até doentias. A sexualidade instituiu-se como um dispositivo de saber, prazer e poder porque abrange as relações entre homens e mulheres, entre jovens e adultos, entre educadores e alunos e também na sociedade e política para debates sobre o que é possível e o que é ético praticar, isto é, o poder que regula e que normatiza a prática da sexualidade. Toda cultura interfere nos processos de pensar e agir da sociedade, em vários aspectos, principalmente, na educação, ciência, religião, entre outros. A cultura desempenha também um papel no desenvolvimento sócioemocional, estimulando ou desencorajando certos comportamentos.

Por isso, mais do que uma multiplicidade de culturas, no que se refere ao seu número, variedade ou “pluralidade”, vivemos no contexto das diferentes culturas, marcadas por singularidades advindas dos processos históricos, políticos e também culturais por meio dos quais são construídas. Vivemos, portanto, no contexto da diversidade cultural e esta, sim, deve ser um elemento presente e indagador do currículo. A cultura não deve ser vista como tema e nem como disciplina, mas como um

eixo que orienta as experiências e práticas curriculares (BRASIL, 2007).

Lopes (1999), afirma que sem dúvida, a sociedade dividida em classes marca a divisão permanente entre os que possuem ou não cultura, em função do fato de possuírem ou não o poder de definir o que é cultura, sendo que, essa compreensão dessa pluralidade de saberes vem reforçar a perspectiva descontinuista no processo histórico de construção do conhecimento científico, bem como entre o conhecimento científico e o conhecimento comum. Ainda, essa autora afirma, que esses dois campos de conhecimento tão, nitidamente, diversos não têm porque possuir a mesma filosofia.

Ainda, nos dias atuais, na escola, existem muitos mitos e tabus devido estarem ainda estabelecidos na sociedade. Logo, estes devem ser discutidos com os jovens, no intuito de informá-los e orientá-los a tratar da sexualidade de forma saudável e responsável. Neste sentido, destaco a importância de proporcionar aos adolescentes espaços para a discussão e orientação através de atividades dinâmicas e participativas. A partir do conhecimento cotidiano e das informações trazidas pelos alunos é possível construir uma ponte para a desmistificação desse tema, rompendo com informações de senso comum através de fundamentação científica (LOPES, 1999). Nesse sentido, para Lakatos e Marconi (1992), o senso comum, também denominado conhecimento vulgar ou popular, é um modo corrente e espontâneo de conhecer que "não se distingue do conhecimento científico nem pela veracidade nem pela natureza do objeto conhecido: o que os diferencia é a forma, o modo ou o método e os instrumentos do 'conhecer'". As autoras destacam as seguintes características do senso comum: ele é superficial, sensitivo, subjetivo, assistemático e acrítico. E, mais adiante, levantam outro conjunto de características dessa forma de conhecimento: valorativo, reflexivo, assistemático, verificável, falível e inexato.

A caracterização do senso comum como uma forma de conhecimento acrítica, que não reflete sobre si mesmo, é assistemática, pois não tem a preocupação de uma sistematização e organização de ideias num conjunto coerente, consistindo, antes numa série de conhecimentos dispersos e desconexos. Também é destacado por Demo, para quem o senso comum:

"não possui sofisticação. Não problematiza a relação sujeito/objeto. Acredita no que vê. Não distingue entre fenômeno e essência, entre o que aparece na superfície e o que existe por baixo. Ao mesmo tempo, assume informações de terceiros sem as criticar." (DEMO, 1985, p. 30)

Ainda sobre o senso comum, deve-se destacar seu caráter imediatista, colado às necessidades imediatas, a "dose comum de conhecimentos, da qual dispomos para nossas atividades rotineiras" (Demo, 1985, p. 31) e o fato de ele ser "transmitido de geração para geração por meio da educação informal e baseado em imitação e experiência pessoal" (LAKATOS e MARCONI, 1992, p.17).

Em pleno século XXI, apesar das informações imediatistas da internet e de diferentes plataformas digitais, percebe-se ainda o tema sexualidade sendo considerado, pela sociedade, um assunto rodeado de mitos e tabus. Devido a isso é papel da família, mas principalmente da escola trabalhar a educação sexual através de discussões orientadas, desmistificando esses "pré-conceitos" construídas pela sociedade. A contextualização do tema, envolvendo a sexualidade humana é um bom princípio norteador que pode embasar as relações estabelecidas entre o que o aluno sabe sobre o que vai ser estudado e os conteúdos específicos que servem de explicações e entendimento desse assunto. É de suma importância conhecer as ideias prévias do aluno sobre o contexto através da percepção de quais mitos e tabus são mais conhecidos naquela comunidade para depois iniciar a busca pelo conhecimento.

Para Vygotsky (2001), por exemplo, é a partir da perspectiva histórico-cultural ou sociocultural que valoriza o elemento sociocultural sobre o biológico-natural (fisiológico), por onde se deve começar, pois para o autor, as fontes de desenvolvimento psicológico não estão no indivíduo, mas na comunicação e nas relações sociais estabelecidas entre as pessoas. Assim, o desenvolvimento é determinado pela evolução cultural da sociedade ao longo de sua trajetória, centrada na composição dialética, na história pessoal e na história da humanidade. Nesse sentido, o fortalecimento cultural pode melhorar o aprendizado e o desenvolvimento das crianças e dos jovens, da mesma forma que a saúde mental e física. Assim, uma boa orientação sexual deve ser sempre flexível para poder se adaptar às diferentes culturas (VIGOSTSKY, 2001).

Independente de como as escolas optarem para trabalharem o assunto, o tema sexualidade deve ser considerado uma discussão importante à vida e à saúde de todo jovem, devendo ser desenvolvida no ambiente escolar livre de mitos e tabus. Educação sexual efetiva deve considerar as informações mais apropriadas a cada faixa etária escolar e embasadas em conhecimentos científicos.

2.2 Educação Sexual ou Orientação Sexual? a história e os conflitos com o tema

As dificuldades na definição do termo mais adequado para nomear a atividade realizada pelas escolas, geralmente sob a responsabilidade da disciplina de Ciências e Biologia, já foram e continuam sendo alvo de muita discussão. Na tentativa de compreender esse impasse, pesquisei a definição dos termos “Educação Sexual” e “Orientação Sexual” em diversos trabalhos, estendendo a pesquisa à palavra “Sexualidade” e aos demais termos que, por ventura, surgiram ao longo da pesquisa.

Para melhor compreender o significado das expressões “Educação Sexual” e “Orientação Sexual” realizei uma consulta ao dicionário Aurélio (2014). Encontrei somente as palavras em separado, como era o esperado. A palavra Educação, por exemplo, apresenta como definição o ato de educar (-se) ou o resultado deste ato. Processo de desenvolvimento da capacidade física, intelectual e moral do ser humano. Já a palavra Orientação é definida como o ato de orientar(-se). Significando direção, guia, impulso, tendência. Ainda, Sexual é descrita como pertencente ou relativo a sexo. Relativo à cópula. Que possui sexo ou que o caracteriza. Erótico, libidinoso. Achei necessário estender a busca à palavra Sexualidade definida pelo dicionário como qualidade ou condição de sexual. Conjunto de comportamentos ligados aos instintos sexuais ou a satisfação de desejos eróticos. A partir dessa busca foi possível inferir que o termo “Educação Sexual”, segundo o dicionário Aurélio, ficaria mais bem definido de forma sucinta como sendo o ato de educar (-se) algo relativo ou pertencente ao sexo e “Orientação Sexual” sendo o ato de guiar/dar tendência a algo pertencente ou relativo ao sexo.

Freud (1974) e Foucault (1988), em seus escritos, fazem referência ao termo sexualidade distinguindo-o de sexo. Para Freud, sexualidade significava pulsão, libido, uma energia própria do ser humano que se inicia desde o seu nascimento e se difere ao longo da sua vida até a fase adulta. Para Foucault, a sexualidade sofre influências culturais e históricas, sendo a sociedade que define o que é ético ou proibido nas práticas sexuais. É possível perceber, entre os autores, que estes não relacionaram e/ou estenderam a utilização da palavra a um viés pedagógico, pois não era o principal propósito de seus estudos, no entanto, são autores, amplamente, utilizados por

pesquisadores da área da educação, pois seus conceitos podem ser ancorados às situações vivenciadas no campo da educação.

Continuando a busca encontrei, também, dados históricos sobre pesquisas que mostram as primeiras preocupações com a educação sexual de crianças e jovens no Brasil por volta dos anos vinte e trinta do século XX. Em 1922, Fernando Azevedo, expressivo intelectual engajado com as reformas educacionais da época, respondeu a um inquérito promovido pelo Instituto de Higiene da Faculdade de Medicina e Cirurgia de São Paulo sobre educação sexual (CÉSAR, 2009). O intelectual destacava a importância de ensinar a matéria para o “interesse moral e higiênico do indivíduo” e para o “interesse da raça” (MARQUES, 1994). Conforme César (2009 p. 39-40) “assim nascia o interesse da educação nacional pela educação sexual como objeto de ensino nas escolas brasileiras”. Em 1933, é criado no Rio de Janeiro, então capital do Brasil, o Círculo Brasileiro de Educação Sexual que editou um periódico chamado *Boletim* até o ano de 1939 (SOUZA, 2002). Estas primeiras tentativas do século XX em defesa da educação sexual nas escolas brasileiras ocorreu por meio de pressupostos higienistas e eugênicos (CÉZAR, 2009).

A instituição escolar passou por transformações ao longo do século XX em períodos ora conservadores, ora revolucionários, ora progressistas, ora liberais. Nos anos de 1990, com a criação dos Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN) as palavras “sexualidade e gênero” passaram a habitar os discursos e as práticas educacionais dos brasileiros de forma mais bem instalada, mas não menos conflituosa” (CÉSAR, 2009). Como reflexo dessas políticas educacionais foi publicado um guia denominado Guia de Orientação Sexual: diretrizes e metodologia da pré-escola ao 2º grau em 1994 e apresentado no Fórum Nacional de Educação e Sexualidade que foi traduzido e adaptado por três Organizações Não-Governamentais (ONGs). Ele é a adaptação de um guia de orientação sexual norte-americano e seu prefácio traz o histórico de sua elaboração e da adaptação à realidade brasileira, além de resultados de uma pesquisa em dez capitais brasileiras sobre a aceitação e a necessidade de um trabalho de orientação sexual nas escolas. O guia contém inúmeras informações e conceitos, fundamentais para a compreensão da sexualidade, divididos em diferentes níveis de complexidade de acordo com a faixa etária do jovem e também sugestões de metodologia para o trabalho de educação sexual. Ele não traz um conjunto de prescrições ou receitas prontas para tratar sobre a temática, mas instiga e desafia o

leitor e o educador com um texto aberto e crítico que aponta para a possibilidade de melhorar as relações entre os seres humanos, a comunicação, o respeito e os direitos à cidadania. Ainda, conforme o material, o processo de Orientação Sexual cabe à escola, já a Educação Sexual inclui todo o processo informal pelo qual o indivíduo aprende sobre a sexualidade ao longo da vida, seja este através da família, da religião, da comunidade, dos livros ou da mídia. Ainda o guia nos chama atenção também para no meio médico, jurídico e da sexologia, o termo Orientação Sexual é usado para denominar a identidade erótica dos cidadãos em hetero, homo ou bissexuais e que no guia utilizaram a expressão “atração sexual” para tratar do desejo sexual, no sentido de evitar a categorização dos indivíduos e ampliar a visão da sexualidade.

Uma discussão sobre o emprego de tais termos também foi encontrada na sessão “artigo” do site Boa Saúde em 2000. Este site é voltado ao público leigo que deseja obter maiores esclarecimentos sobre assuntos de saúde e qualidade de vida e, no artigo, daquela época, foi possível perceber que o termo mais aceito era o de Orientação Sexual. Segundo a matéria, a expressão Educação Sexual já havia caído em desuso e levanta um questionamento se seria possível educar alguém sexualmente. Ainda, indicava que, muitos autores, estariam adotando o termo orientação sexual, por este ser uma derivação do conceito pedagógico de orientação educacional, definido como um processo de intervenção sistemática na área da sexualidade realizado, principalmente, nas escolas. Vale ressaltar, também, que a matéria se baseou no estudo realizado pelo Guia de Orientação Sexual: diretrizes e metodologia da pré-escola ao 2º grau de 1994. Para autores como Santos (2001), Orientação Sexual, por exemplo, se refere às manifestações do indivíduo e aos estereótipos atribuídos e vivenciados nos relacionamentos humanos, desde o nascimento até sua morte. Para Altmann, (2013), o objetivo da Educação Sexual na escola é de certa forma, problematizar o que é preconizado nos PCN, indicando que a escola não é um espaço absolutamente neutro em seus interesses. Além de seu papel fornecedor e provocador de conhecimento, o ambiente escolar também atua como um meio de controle e coerção social, buscando produzir sujeitos autodisciplinados no que se refere à maneira de viver a sua sexualidade. Já Cordeiro (2003), nos diz que a Educação Sexual é muito abrangente, que corresponde à aprendizagem específica sobre os aspectos relativos à sexualidade. Aprendizagem essa que é um processo contínuo ao longo de todo o ciclo vital e envolve componentes como o físico, o

psicológico, o erótico, o genital, a relação didática ou a experimentação, entre outros. Ainda Diniz (2007), acredita que um trabalho de Educação Sexual deve ser problematizado e que a imagem do homem e da mulher deve ser desconstruída, permitindo novas vivências acerca da sexualidade, bem como o prazer com o próprio corpo e/ ou com o corpo do/a outro/a. Aquino (1997) defende que a escola é um ambiente propício para trabalhar a Educação Sexual e, para isso, deve utilizar metodologias dinâmicas e interativas. Todos apontam para a necessidade da troca de conhecimentos entre professor e aluno, onde o professor deve problematizar os conhecimentos de forma homogênea e com significados, reforçando a ideia de que a educação sexual está interligada à vida, além de contribuir para a construção de conhecimento e ampliação da visão de mundo dos alunos.

Figueiró (2010) em sua pesquisa aponta que são utilizados termos variados em toda pesquisa acadêmico-científica brasileira como sinônimos ou em substituição ao termo Educação Sexual. Entre eles, citam-se: Orientação Sexual, Informação Sexual, Instrução Sexual, Educação Afetiva Sexual, etc. A autora utiliza Educação Sexual porque considera mais adequado, quando nos referimos ao trabalho realizado na escola. Já, o termo “orientação sexual” tem sido amplamente utilizado para se referir à diversidade sexual (homossexualidade, heterossexualidade ou bissexualidade) e menos para denominar as atividades educativas e formativas trabalhadas nas escolas (FIGUEIRÓ, 2010).

Estendendo-se um pouco mais a pesquisa à atualidade ainda foi possível encontrar estudos como o de Matos (2011), que trabalha com a expressão Orientação Sexual referindo-se à discussão de questões polêmicas e delicadas na escola como masturbação, iniciação sexual, o ato de “ficar”², o namoro, a homossexualidade, aborto, disfunções sexuais, prostituição e pornografia que, segundo a autora deve ser trabalhado dentro de uma perspectiva democrática e pluralista, contribuindo para o conhecimento e desenvolvimento da sexualidade atual e futura de crianças e adolescentes. Ainda Quirino (2012), defende a ideia de que a Educação Sexual se refere a ações pedagógicas e que o professor necessita reformular suas metodologias para ensinar a temática, adaptando conforme a faixa etária de forma a facilitar os

² “Ficar” é uma expressão utilizada, mais ou menos, a partir da década de oitenta, para nomear um tipo de relação na qual há troca de carinhos/carícias, mas que, diferentemente do namoro, não tem o compromisso com o outro como um fator fundamental.

processos de ensino e aprendizagem, os mitos e tabus em relação à sexualidade. Para Sfair (2015), a Educação Sexual, não deve apenas abordar aspectos anatomofisiológicos na escola, mas, principalmente, promover a reflexão sobre essa temática e apresentar novas possibilidades aos jovens, para além dos aspectos repressores com os quais entram em contato na família, na religião e na sociedade, oferecendo-lhes elementos para desenvolver seus próprios posicionamentos e ações.

Em reunião do Conselho Nacional de Educação, realizado em 2017, onde estavam presentes vários profissionais da saúde e educação, a Educação Sexual foi defendida como assunto a ser tratado no espaço da escola através da discussão de valores ligados à orientação sexual e à educação sexista. Não apenas as problemáticas relacionadas à sexualidade, mas também na contribuição da formação cidadã e na conscientização da importância do tema, tendo em vista uma nova percepção sobre visão de mundo.

Na revisão de literatura realizada foi possível perceber que atualmente a expressão Educação Sexual passa a representar o ensino sobre a anatomia, a psicologia e os aspectos comportamentais relacionados à reprodução humana. O principal público alvo são os adolescentes, visando à construção de uma vida sexual saudável, a prevenção da gravidez indesejada, das doenças sexualmente transmissíveis e da violência sexual. Já o termo Orientação Sexual passa a definir as discussões sobre gênero. Com isso, as expressões, preferencialmente, utilizadas nesta pesquisa serão Educação Sexual e Sexualidade, englobando as dimensões fisiológicas, sociológicas e psicológicas da sexualidade.

A partir dessa revisão de literatura foi possível perceber também as mudanças sociais, de valores, de crenças pelas quais a sociedade ao longo dos séculos passa. Independentemente da expressão utilizada é importante compreender que a sexualidade é uma construção histórico-cultural, resultado de suas vivências singulares que devem ser respeitadas pela sociedade e trabalhadas na escola, a fim de que seja possível formarmos cidadãos mais tolerantes, menos preconceituosos e conhecedores dos aspectos biológicos, sociais e culturais que permeiam o tema.

2.3 Educação Sexual e o contexto da escola

Apesar dos avanços ocorridos na década de 90, com a criação dos Parâmetros Curriculares Nacionais PCNs (Brasil, 1997) e as orientações apresentadas pelos Temas Transversais, os professores ainda apresentam justificativas apoiadas em dificuldades conceituais, barreiras pessoais e de formação para trabalhar a educação sexual em sua disciplina.

Sobre as dificuldades dos professores em orientar seus alunos, Maia et al. (2006, p. 107) afirmam:

“Muitos educadores possuem dificuldades em orientar seus alunos que podem ser: por razões pessoais, falta de informações específicas voltadas na área da sexualidade e até mesmo por falta de orientação e de recursos metodológicos que ajude o professor a compreender a realizar uma orientação sexual adequada. Porém, a formação destes profissionais ao se trabalhar com a temática é de grande importância para que se possa evitar a passagem de conceitos pessoais, preconceitos ou ideias inadequadas” (MAIA et al, 2006, p. 107).

Neste contexto, Nunes (1997, p. 20) afirma que:

“os educadores são despreparados para assuntos e situações que envolvem a sexualidade, tornando assim o assunto silenciado e vergonhoso. Muitos educadores, frequentemente, afirmam que têm muitos “problemas” com relação à sexualidade. Queixam-se de palavrões, jogos e desenhos, manifestações que, segundo eles, “antigamente não eram assim, havia maior respeito [...]”. Confusos, atribuem essa “permissividade” com plenas certezas à desagregação moral de nosso tempo, lançando abstratamente uma culpa ideal sem sujeito sobre toda a sociedade. Não compreendem que o apelo à sexualidade está muito forte hoje, produzido pelo sistema econômico e dosado a todos os níveis sociais” (NUNES, 1997, p.20).

É claro que não se pode generalizar essas opiniões, pois são daqueles professores mais conservadores, portanto é preciso compreender que a sexualidade não deve ser pensada em um nível, meramente, moral, mas num nível sócio-histórico-cultural. A Educação Sexual deve ser entendida “como um processo de intervenção pedagógica que tem como objetivo transmitir informações e problematizar questões relativas à sexualidade, incluindo posturas, crenças, tabus e valores a ela associados. Tal intervenção ocorre em âmbito coletivo, diferenciando-se de um trabalho individual, de cunho psicoterapêutico e enfocando as dimensões sociológica, psicológica e fisiológica da sexualidade” (BRASIL, 1998, p. 34).

O professor, ao trabalhar a educação sexual, deverá refletir sobre os objetivos que pretende alcançar, buscando desenvolver pesquisas e trabalhos que venham contribuir para o aprendizado desse conteúdo. Ao elaborar suas aulas, deve recorrer a várias fontes de pesquisa, tendo, para isso, muitas opções de materiais didáticos, como por exemplo: [...] livros, revistas, suplementos de jornais (impressos e digitais), videocassetes, CD-ROM, TVs educativas e de divulgação científica (sinal a cabo ou antena parabólica) e rede web precisa estar presente e de modo sistemático na educação escolar (DELIZOICOV; ANGOTTI; PERNAMBUCO, 2009).

As manifestações de sexualidade afloram em todas as faixas etárias e devem ser tratadas em todas as séries a partir de abordagens adequadas a cada idade e à necessidade observada pelo professor. Furlani (2007), defende que a escola está sempre atrasada em relação às expectativas e vivências dos alunos, pois espera as mudanças acontecerem, para depois, discutí-las na escola, como é o caso da sexualidade. Para essa autora, “esperar para abordar a sexualidade, apenas na adolescência, reflete uma visão limitada, baseada na crença de que a ‘iniciação sexual’ só é possível a partir da capacidade reprodutiva”.

Além disso, a tarefa de trabalhar a educação sexual deve ser compartilhada com a família. Muitas famílias realizam a educação sexual a partir de explicações sobre “cuidados” recomendados e proibições que, muitas vezes, são carregadas de determinados valores preconceituosos, sem levar em consideração a opinião do jovem. Nesse sentido, Santos (2009), orienta que as discussões e problematizações sobre sexualidade, na escola, devem articular os conhecimentos científicos com a realidade social e familiar dos alunos, para que essas discussões façam sentido e sejam significativas na vida dos aprendizes. Dessa forma, ao inserir a educação sexual na escola, o professor deverá delinear os objetivos que pretende alcançar e considerar questões relevantes para a aprendizagem como a linguagem a ser utilizada e a diversidade da organização familiar.

No entanto, o que se observa é que a educação sexual foi desenvolvida nas escolas, por muito tempo, de forma higienista e moralista, buscando a padronização de comportamentos e a repreensão de atitudes desviantes (Santos, 2009), através de aulas em que o aluno não participa, não questiona, assim não é possível gerar conflito cognitivo, nem tampouco superar as dúvidas existentes. Para superar essa visão, os PCNs foram criados dentro de uma visão mais progressista de ensino e embasados em

teorias da educação que afirmam ser importante considerar os conhecimentos prévios dos alunos como o melhor caminho para a aprendizagem. Para, além disso, o professor deve utilizar diferentes materiais didáticos que auxiliem na aproximação dos conteúdos com o cotidiano dos alunos, tornando a aprendizagem significativa e, dessa forma, possam rever suas concepções, sentimentos, tabus, medos e angústias relacionados a sua sexualidade.

Atualmente, a sociedade retorna a uma visão mais conservadora que, por sua vez, provoca reflexos nas políticas educacionais como a Base Nacional Comum Curricular (Brasil, 2018) que, a partir de sua implementação, retorna a uma visão de educação sexual mais higienista de cuidados com o corpo a ser trabalhada, de forma tímida nas séries iniciais. Na sequência, apenas no 8º ano do ensino fundamental na unidade temática vida e evolução será abordada, novamente. De forma muito tímida, menciona que a educação sexual deve considerar as múltiplas dimensões da sexualidade humana (biológica, sociocultural, afetiva e ética) e a necessidade de respeitar, valorizar e acolher a diversidade de indivíduos, sem preconceitos baseados nas diferenças de sexo, de identidade de gênero e de orientação sexual.

Diante das atuais circunstâncias, para o êxito da educação sexual é necessário que o educador tenha uma consciência de como é importante trabalhar o assunto. É fundamental que acredite e sinta que, para o aluno, é importante aprender sobre a sexualidade porque faz parte da sua identidade pessoal e de seu processo de desenvolvimento e, sobretudo, porque é seu direito conhecer a respeito. Se o professor não acreditar que seu trabalho é imprescindível para a vida do aluno, não passará segurança para que o educando sinta-se à vontade para expor suas dúvidas e angústias. Para que isso ocorra, muitos professores necessitam retornar aos estudos para se tornarem mais confiantes para trabalhar com o ensino da sexualidade. Com minha experiência como educadora foi possível perceber que, os meus colegas não se sentem seguros para falar sobre o tema que exige conhecimentos e habilidades específicas, sobretudo para saber aproveitar as oportunidades e ensinar a partir delas e das situações recorrentes de sala de aula.

2.4 A Unidade Didática como foco no ensino e aprendizagem

O ensino por Unidade Didática também conhecida como “*Plano Morrison*”³, também conhecida como plano de unidades didáticas, expressa uma proposta de organização e desenvolvimento do ensino pelo professor e da aprendizagem pelo aluno. Esse plano de ensino partiu da suposição de que deve haver uma organização intrínseca no material a ser ensinado que melhor se ajuste aos princípios da aprendizagem humana. Constituem essa concepção de unidade dois elementos essenciais para o ensino: a unidade, que expressa a organização da matéria de ensino em questão de aspectos importantes; da vida, da ciência, do mundo artístico, da personalidade do estudante, todos os fatores que influenciam nos resultados do processo de aprendizagem. Os estudos por unidades têm a função de possuir um conteúdo coerente, promover adaptações de aprendizagens, desenvolver experiências e estudos de uma forma em que isso atue na vida do aluno.

O estudo de unidades consiste em uma sequência de cinco momentos que articulam a organização do ensino e da aprendizagem; exploração, apresentação, assimilação, organização, exposição ou culminância. No ensino por Unidades Didáticas, a organização da aula está fundamentada na concepção global e ativa de percepção da realidade pelo aluno e supõe uma atitude do professor diante da classe para desenvolver o ensino e a aprendizagem. O professor acolhe os interesses dos alunos e propicia que se comprometam com seu desenvolvimento pessoal, que revisem a aprendizagem, que exercitem a auto avaliação e o aperfeiçoamento constante.

Nessa proposta de Unidade Didática, identifica-se a articulação de três dimensões: a dimensão psicológica, no sentido de estar adequado ao nível sincrético da percepção do aluno, sujeito que aprende; a dimensão lógica, voltada para a estrutura conceitual de um todo em que o conteúdo de ensino se situa; a dimensão contextual, que considera a realidade em que o aluno está inserido. Constituem-se em bases e direcionam os estudos, orientam a seleção e a organização dos conteúdos, a sequência das atividades de ensino e aprendizagem e a avaliação. A definição da organização intrínseca dos conteúdos está fundamentada nas experiências e no contexto sociocultural mais próximo do aluno.

³ Morrison, um educador americano com experiências na Universidade de Chicago e em escolas de Portsmouth e New-Hampshire, partiu da suposição de que deve haver uma organização intrínseca material a ser ensinado que melhor se ajuste aos princípios da aprendizagem humana. O plano prevê três tempos para consolidar a aprendizagem: (1) estimulação; (2) assimilação; (3) reação.

Os conteúdos são traduzidos em atividades individuais e coletivas que propiciam aprendizagens significativas e permitem aos alunos vivenciar experiências, como por exemplo: tomar decisões; desempenhar papel ativo para investigar, expor, observar, entrevistar, em lugar de escutar e silenciar; entrar em contato direto com a realidade e com situações novas que exijam diferentes interesses e níveis de capacidades. Essas atividades visam à aquisição e produção de conhecimentos e possuam um caráter de investigação e de acompanhamento da aprendizagem do aluno.

Neste contexto, compreendendo que os processos de ensino e aprendizagem são fundamentais no âmbito escolar e que a temática “sexualidade” é também responsabilidade da escola, desenvolvemos uma Unidade Didática a fim de investigar como este tema tem sido desenvolvido em uma escola rural e quais as concepções dos alunos do ensino fundamental sobre sexualidade, uma vez que este assunto ainda segue envolto em muitos mitos e tabus.

A educação sexual ainda tem se limitado a ser trabalhada apenas pelos professores de Ciências e Biologia através de conceitos biológicos e doenças que acometem os seres humanos. No entanto, é sabido que, para o desenvolvimento integral dos sujeitos, são necessárias discussões mais abrangentes que envolvam a compreensão da construção da sexualidade (conceitos e comportamentos) de cada indivíduo. Uma vez que consideramos que o desenvolvimento da sexualidade perpassa todo o desenvolvimento humano, há de se pensar além do conceito de sexualidade o conceito de educação sexual, que se caracteriza como “um processo amplo, exercido ao longo de todo o processo de desenvolvimento humano, abrangendo aspectos biológicos, psicológicos, culturais e éticos” (TUCKMANTEL, 2011, p. 40).

Os ensinamentos e informações adquiridos no contexto familiar, no senso comum, nos diálogos e no contexto escolar, em relação à temática sexualidade, vão se modificando de acordo com os diversos contextos, culturas e fatos históricos, a interpretação, interferência e compreensão que o indivíduo tem desses conhecimentos adquiridos vão modificando sua consciência e comportamento. No caso da escola, essa assume o papel de promover a interação e o diálogo entre os estudantes, proporcionando-lhes a capacidade de troca de experiências e de interpretação de informações, tornando-se um ambiente que possibilita as relações sociais entre os estudantes e auxilia a formação de suas subjetividades e o desenvolvimento das funções psicológicas superiores.

Para Delizoicov, Angotti e Pernambuco (2011, p. 12), “os professores são profissionais essenciais na construção da nova escola”, porque são eles que auxiliam na mediação dos processos de ensino e de aprendizagem dos estudantes. Afirmam, ainda, que, atualmente, os papéis da escola e do professor vão além da formação intelectual dos estudantes, tendo novas demandas na área social e humana, sendo um desafio “educar as crianças e os jovens, propiciando-lhes um desenvolvimento humano, cultural, científico e tecnológico, de modo que adquiram condições para enfrentar as exigências do mundo contemporâneo”.

A temática “sexualidade” ainda gera polêmicas e conflitos entre docentes e pais de alunos quando trabalhada em sala de aula. Embora não seja inserida como uma disciplina curricular e entendendo o desenvolvimento humano em uma perspectiva histórico-cultural, uma aprendizagem significativa acerca desta não deve restringir-se aos processos biológicos, mas sim considerar que a sexualidade abrange as dimensões culturais, psicológicas e históricas do indivíduo (BRASIL, 1997a).

Nesse sentido, a valorização da interação entre alunos e professor é extremamente importante para que os estudantes tenham vontade de compartilhar suas angústias e suas dúvidas, para motivar e catalisar o interesse e a aprendizagem dos conceitos propostos em sala de aula. Como consequência, isso, possivelmente, permitirá que os alunos tenham novos olhares para interpretar e agir sobre o mundo. A partir dessa ideia, aponta-se a importância dos professores entenderem que os estudantes são diferentes e que cada um deles tem a sua história de vida. Nesse sentido, é necessário respeitar suas individualidades e conhecimentos e, com base em sua história, traçar atividades de ensino que possam estabelecer novos e maiores significados e nexos conceituais sobre a realidade. Portanto, sendo a sexualidade uma construção humana. A escola é o lugar propício para o exercício desses discursos mentais e sociais. O professor, ao incentivar que os estudantes exponham suas ideias permite que o desenvolvimento do processo de “intersubjetividade do coletivo, cujo aprimoramento fundamenta o conhecimento objetivo. O processo de objetivação do conhecimento, por ser uma necessidade social, deve ser um eixo central da prática educativa” (GIORDAN, 2008, p. 189).

3. Proposta de Ensino: unidade didática “Falando de Sexo”

A organização da proposta de ensino passou por uma etapa inicial de planejamento, considerando os objetivos do ensino de ciências no ensino fundamental. O tema surgiu do interesse dos estudantes pelo assunto e pela importância que possui na desmitificação de mitos e tabus, como contribuição para o conhecimento biológico do corpo, para as discussões e transformações biopsicossociais decorrentes da adolescência, bem como para o estabelecimento de relações entre os conceitos estudados em ciências e o mundo social em que os estudantes estão inseridos.

Esta U.D. primou por atividades dinâmicas, nas quais os alunos pudessem se sentir estimulados a pensar e a discutir sobre os conceitos trabalhados. O uso de imagens e vídeos e a produção de recursos didáticos procuraram diversificar a forma como o tema “sexualidade” foi trabalhado em sala de aula. Vale ressaltar que esta proposta de ensino apresenta flexibilidade para ser adaptada a outras realidades e contextos.

O ensino através de U.D, segundo Morrison (1931), expressa uma proposta de organização e desenvolvimento do ensino pelo professor e da aprendizagem pelo aluno. Morrison partiu da suposição de que deve haver uma organização intrínseca a ser ensinada que melhor se ajuste aos princípios da aprendizagem humana. Essa concepção de unidade expressa a organização do ensino através de aspectos importantes da vida, da ciência, do mundo artístico, da personalidade do estudante, fatores que influenciam nos resultados do processo de aprendizagem.

3.1 Desenvolvimento da proposta de ensino

A proposta de U.D. foi planejada em um total de 08 aulas (descritas em detalhes a seguir) e desenvolvida com 3 turmas das séries finais do ensino fundamental, identificadas na pesquisa como T¹, T² e T³. Esta proposta foi realizada nas aulas de ciências ministradas pela professora pesquisadora no III trimestre de 2018, perfazendo um total de 10 semanas. Tais atividades foram realizadas em dias alternados para que o conteúdo correspondente à matriz curricular de cada ano, também fosse desenvolvido.

3.5.1 Aula 1 – História da Sexualidade no Brasil

Objetivo: Espera-se com essa aula que o aluno seja capaz de compreender a construção da sexualidade, no Brasil, ao longo dos séculos formados pela miscigenação de índios, escravos e colonizadores, percebendo suas culturas e costumes.

Duração aproximada: 3 horas/aula.

Estrutura: Dividida em 3 momentos. Trabalhada individualmente em cada turma. No primeiro momento, realizar uma problematização, com a seguinte pergunta: “*Que imagem vocês têm dos povos que habitaram o Brasil no período de sua descoberta e durante o Brasil colônia*”?

Após debater com os alunos sobre suas diferentes ideias a respeito dos hábitos e costumes dos índios e negros, descrever as primeiras impressões dos colonizadores portugueses em relação à forma como os índios encaravam a nudez e o conhecimento do sexo que já possuíam desde sua infância. Esse conhecimento provém por não existir intimidade no momento da relação sexual pela estrutura das habitações que além de pequenas, eram coletivas, pela observação das atitudes dos adultos e por informações fornecidas por outros jovens ou pelos idosos. Outro ponto também debatido foi como os negros escravos eram tratados ao chegar ao Brasil.

No segundo momento fazer uma intervenção, utilizando as imagens retiradas do livro “História da Sexualidade Brasileira” de autoria de Fabio Ramos Martins de Siqueira (2008). As imagens (apresentadas abaixo) devem ser impressas para manuseio e também para discussão entre os alunos que, divididos em grupos, devem escolher aquela que mais lhe chamou a atenção.

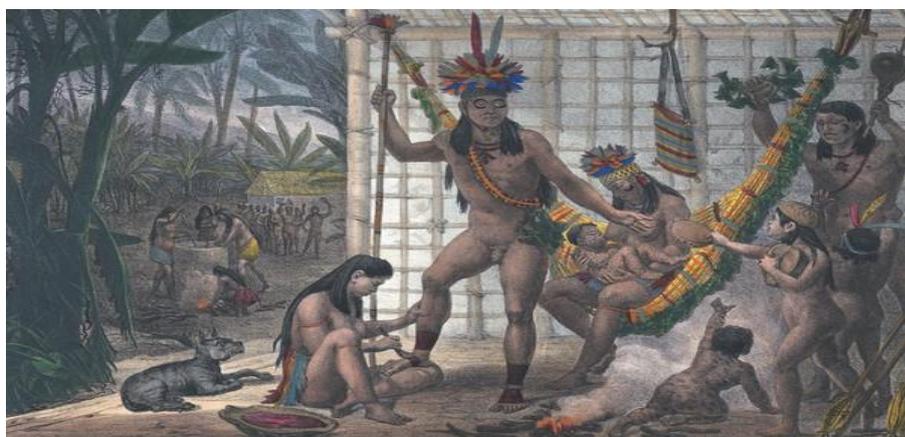


Figura 1- Família de um chefe Camacã preparando-se para uma festa (Jean Baptiste Debret)
Fonte: Siqueira(2008)

A imagem (Figura 1) retrata uma família indígena, a Família Camacã, preparando-se para uma festa. A posição central do índio retrata a figura do chefe de família, cercado pelos filhos e mulheres; destaca o papel privilegiado do homem. Uma mulher amamenta o filho, outra pinta o seu pé e outras ao fundo preparam a mandioca, o que indica o papel de subordinação que elas exercem, assim como retrata a estrutura de uma poligamia. Apresenta, também, a forma de habitação coletiva, em que a relação sexual não era realizada na intimidade e as crianças já tinham conhecimento do sexo através da observação dos adultos.

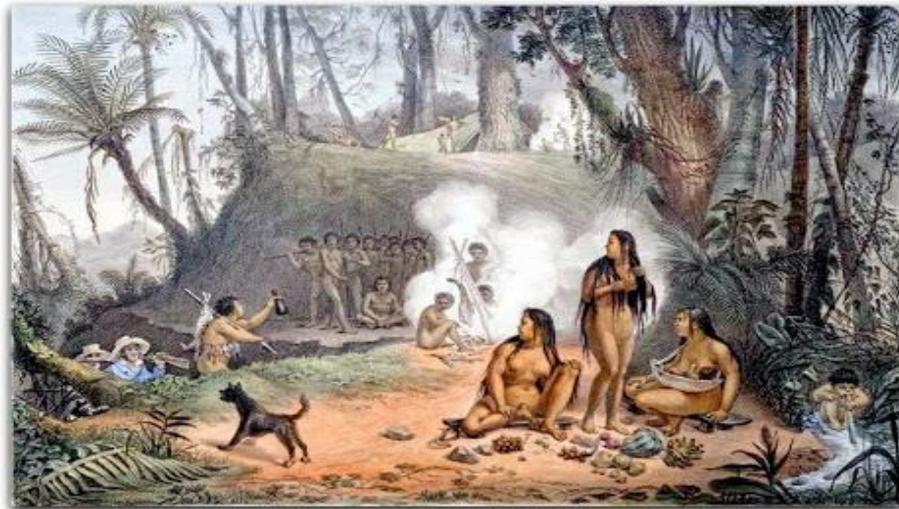


Figura 2 - Aldeia de caboclos em Catagalo (Jean Baptiste Debret).
Fonte: Siqueira (2008)

A cena (Figura 2) representa a chegada de dois viajantes europeus, introduzidos numa aldeia por um caçador que oferece uma garrafa de aguardente a fim de facilitar a recepção. As mulheres exprimem movimento de pudor que lhes é natural em semelhantes circunstâncias. Alertadas pelo latido dos cães, uma esconde o busto cobrindo-o com seus longos cabelos negros puxados para frente, enquanto a outra se esforça, para aproximar o pé da parte que deseja subtrair ao olhar dos estranhos a mãe que amamenta fica imóvel. O chefe da aldeia, no fundo do primeiro plano, está sentado no chão e cercado de jovens assustados e aguarda a aproximação dos visitantes.



Figura 3- Soldados índios da província de Curitiba escoltando selvagens (Jean Baptiste Debret).
Fonte: Siqueira (2008)

A imagem (Figura 3) mostra soldados índios de Curitiba escoltando duas mulheres selvagens algemadas carregando cinco crianças que estão chorando de fome e mais dois soldados que estão acompanhando.

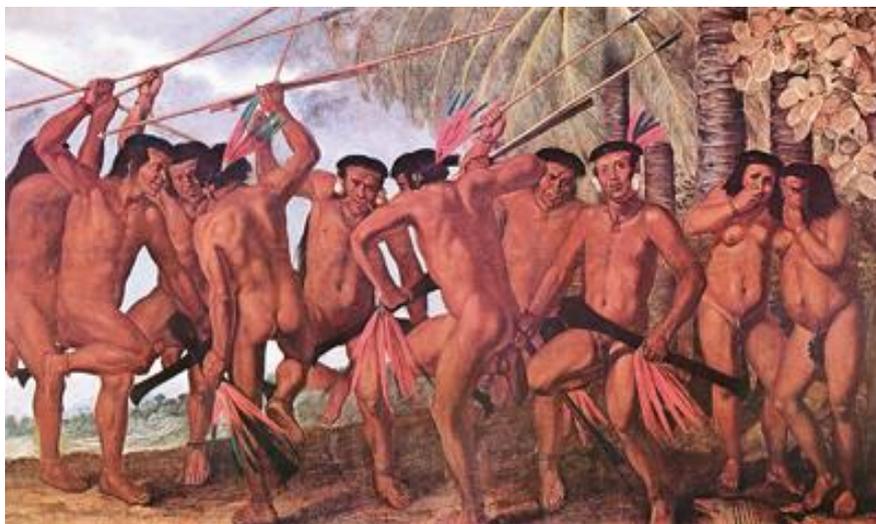


Figura 4 - Dança dos Tapuias (Albert Eckhout).
Fonte: Siqueira(2008)

A imagem (Figura 4) destaca o registro de um ato cerimonial, a dança Tapuia, que representa a preparação para o confronto com o inimigo. A cena é composta por

oito índios e duas índias além de um animal específico, um tatu, representando a zoologia do lugar.

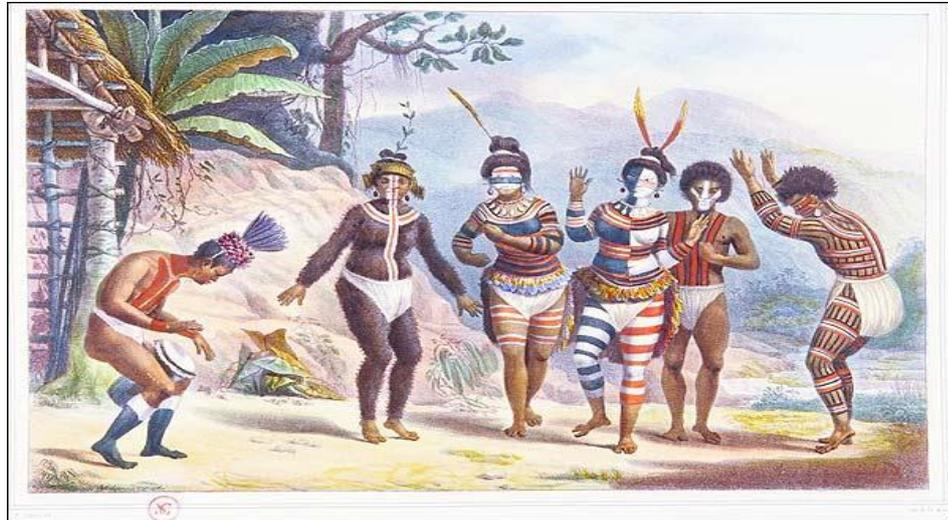


Figura 5 - Dança de Selvagens da missão de São José (Jean Baptiste Debret).
Fonte: Siqueira (2008)

A imagem (Figura 5) representa a cultura dos índios aos seus deuses, mesmo os colonizadores tentando deteriorar suas identidades e costumes (tentativa de vesti-los) e acirrando preconceitos que repercutiram na formação da sexualidade brasileira.

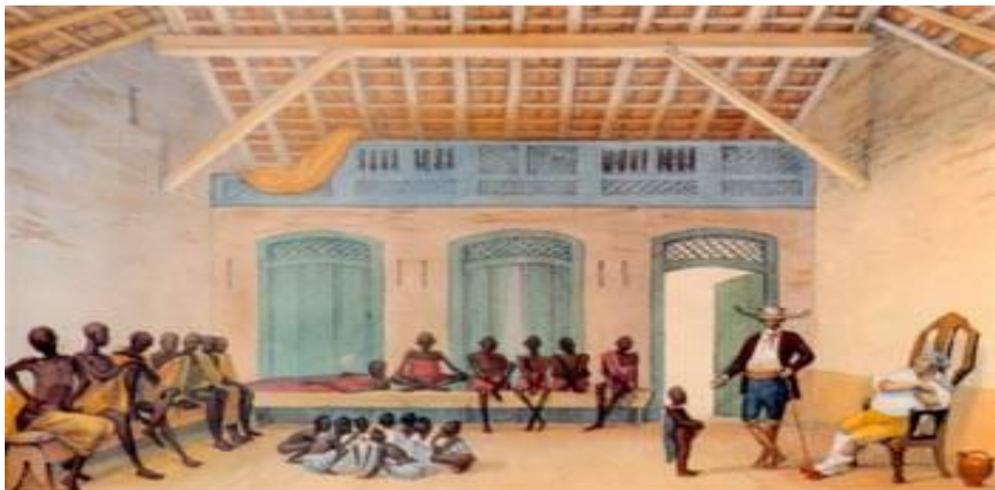


Figura 6- Mercado da Rua do Valongo (Jean Baptiste Debret)
Fonte: Siqueira (2008)

A imagem retrata a comercialização de escravos, que, após negociação, se tornavam propriedade do seu senhor e além do trabalho na lavoura também serviam de objeto sexual.



Imagem 8- Negros novos (Johann Moritz Rugendas).
Fonte: Siqueira (2008)

A imagem retrata as práticas homoeróticas entre jovens adultos que usavam vestimentas e adornos do outro gênero e dedicavam-se a tarefas praticadas, usualmente, pelo sexo oposto.

Já, no terceiro momento da aula propor, como atividade, que os alunos realizem uma releitura da imagem escolhida através do desenvolvimento de um desenho, escolhendo, inclusive, o título de sua arte. Atrás da folha devem descrever as características da(s) pessoa(s) ali retratada(s), situação onde ela(s) se encontrava, o que a(s) levou/ram estar(em) ali. Após, os desenhos devem ser recolhidos e analisados. O objetivo dessa atividade é trabalhar com os alunos suas construções sociais dos povos indígenas, negros e colonizadores através de desenho.

3.5.2 Aula 2 – Sexualidade e adolescência

Objetivos: Pretende-se, com esta aula, que os alunos sejam capazes de:

- Conhecer melhor seu corpo;

- Compreender que o sistema reprodutor é tão importante quanto os demais sistemas do corpo humano, entendendo que é de total responsabilidade de cada pessoa os cuidados e o respeito com o mesmo;
- Compreender que a sexualidade, além de seu funcionamento biológico, envolve sentimentos e emoções nos seres humanos.

Duração Aproximada: 6 horas/aula

Estrutura: Dividida em dois momentos. Trabalhados individualmente em cada turma. No primeiro momento da aula realizar a apresentação dos seguintes temas: i) As mudanças do corpo na adolescência; ii) O sistema genital masculino e feminino; iii) As Infecções Sexualmente Transmissíveis (ISTs) e Métodos Contraceptivos.

No segundo momento utilizar vídeos instrutivos como: “Anos Turbulentos da adolescência” – baseado no texto de Jaime Kemp de 07min:31seg de duração, “O que é adolescência” com duração de 17min:24 seg, de autoria dos alunos do ensino médio de uma escola pública chamada Pietro Petri na cidade de Mairiporã/SP.

3.5.3 Aulas 3 e 4 - “Eu me amo eu me cuido”

Objetivo

- Promover o esclarecimento dos mitos e tabus sobre o namoro, a relação sexual, a pedofilia e os cuidados com o corpo.
- Despertar a consciência sexual como algo intrínseco à existência humana.
- Permitir que os alunos falem sobre o tema.

Duração Aproximada: 2 h/aulas

Estrutura: Realizar uma roda de conversa intitulada “Eu me amo eu me cuido” cujo objetivo consiste em trabalhar as questões relacionadas a temas como namoro, relações sexuais, pedofilia e cuidados com o corpo, com o intuito de promover discussões que viabilizem o esclarecimento, diminuindo mitos e tabus inerentes ao tema sexualidade.

3.5.4 Aula 5 – Jogos didáticos

Objetivos:

- Construir conhecimento sobre o tema sexualidade de forma lúdica;
- Aprender a trabalhar em equipe;
- Aprender a realizar pesquisa;

Duração Aproximada: 6 h/aulas

Estrutura: Dividida em três momentos: i) realizar a retomada de conceitos trabalhados e discutidos nas aulas anteriores, além de responder as perguntas depositadas na caixa de dúvidas. ii) distribuir jogos pedagógicos sobre assuntos diversos, e propor que se reúnam em grupo para jogar, salientando que prestem atenção nas regras dos jogos e como são confeccionados para que estes possam ser fonte criativa para confecção dos seus próprios jogos. iii) os alunos, divididos em grupos, devem confeccionar um jogo pedagógico, sendo de sua livre escolha os membros do grupo, o tipo de jogo, o material utilizado e o assunto desenvolvido. Vale ressaltar que a escolha do assunto deve ocorrer entre aqueles já debatidos nas aulas sobre educação sexual. Para a qualidade da atividade, em uma escola pública, por exemplo é importante que a escola consiga fornecer o material básico para os alunos como: folhas de ofício, papéis diversos (pardo, cartolina, E.V.A, etc), lápis de cor, canetões, computador e impressão. A consulta bibliográfica realizar através do livro didático e da internet.

3.5.5 Aulas 6 e 7 – Ficção ou realidade?

Objetivos:

- Discutir sobre a gravidez na adolescência e os cuidados necessários para preveni-la;
- Compreender os impactos que a gravidez traz para a vida estudantil, familiar, financeira e pessoal dos adolescentes;
- Aprender a trabalhar em equipe;
- Despertar o prazer por aprender a partir de uma metodologia diferenciada;
- Valorizar o trabalho e esforço dos alunos;
- Transversalizar a discussão sobre a educação sexual;

Duração Aproximada: 9 h/aulas

Estrutura: Dividida em 3 momentos. i) os alunos assistem a um documentário denominado “Meninas” de autoria de Sandra Werneck com duração de 1h e 10 minutos. Esse material aborda os principais problemas que envolvem a gravidez na adolescência, o despreparo dos jovens com a vida sexual e os cuidados que se deve ter para evitar uma gravidez indesejada. ii) após, devem se organizar para montar o roteiro do filme. No caso das turmas pesquisadas foi proposto que organizassem um grupo no *whatsapp*, envolvendo as três turmas para trocas de ideias sobre o roteiro. iii) após a organização dos roteiros, em uma reunião com todos os participantes escolher

os personagens que cada um irá representar. Após os ensaios, filmar e editar o que for necessário, para depois iniciarem as apresentações. A utilização do filme como recurso didático pode possibilitar que o adolescente encontre uma nova maneira de pensar e refletir sobre os principais problemas que envolvem sua família, escola, amigos e namorados, auxiliando a sanar suas angústias, compreendendo que muitas são passageiras, outras poderão acompanhá-los pelo resto de sua vida. Quanto à utilização de filme na escola, Santos (2011, p.35) afirma que propicia discussões e questionamentos que perpassam conteúdos de disciplinas escolares e podem abordar questões éticas, morais e sociais além de temas polêmicos da atualidade, pois são:

"fontes de informação sobre a ocasião em que foram produzidos, refletindo a realidade política e social daquele momento. E, é assim que, ao utilizarmos filmes em sala de aula, estamos proporcionando aos alunos a oportunidade de refletir sobre questões sociais, políticas, culturais ou históricas, com diversidade e originalidade. Dessa forma, o cinema propicia a ampliação de mundo e o conhecimento de outras realidades"(SANTOS, 2011, p.35).

Para finalizar esta atividade da pesquisa foi solicitado que os alunos respondessem a um questionário de observação. A encenação pode ser uma opção interessante e motivadora, que deixa de ser meramente ilustrativa e dialogada e passa a ser algo possível de vivenciar e mais próximo da realidade, das histórias da comunidade escolar, tornando um momento crítico e reflexivo de aprofundamento do assunto aliado ao prazer lúdico que a arte de dramatizar provoca no processo de aprendizagem.

3.5.6 Aula 8 – Cartilha do adolescente

Objetivos:

- Sanar dúvidas remanescentes sobre os assuntos discutidos;
- Organizar os conhecimentos com construtos teóricos sobre os temas trabalhados;
- Promover a informação e disseminar o conhecimento;

Duração Aproximada: 6h/aulas

Estrutura: Para finalizar as discussões sobre a temática sexualidade e para encerramento da U.D. uma opção é trabalhar com a produção da cartilha do estudante. Nesta pesquisa, este material foi confeccionado pela professora pesquisadora e foi

entregue aos estudantes. Este material contém informações sobre os principais temas discutidas na U.D., bem como informações úteis sobre as mudanças (corpo e comportamento) ocorridas com a chegada da adolescência.

Para o fechamento da U.D. um questionário deve ser aplicado com o intuito de promover a reflexão do professor sobre o que é necessário melhorar, pois o trabalho com Educação Sexual deve ser constante e renovado de acordo com as necessidades de cada turma e do momento em que a sociedade se apresenta para que este cumpra seu papel na desmitificação de tabus e mitos, na orientação de cuidados com o corpo e na compreensão de que a sexualidade vai além somente do ato sexual.

CARTILHA DO ESTUDANTE

Crescendo e Adolecendo



fonte: <https://radiomargarida.org.br>

Luciana Henzel dos Santos

*Licenciada em Ciências Biológicas - UCPel
Especialista em Ecologia Aquática - FURG
Mestre em Ciências e Matemática - UFPel
Docente da Educação Básica*

SUMARIO

1. Adolescência	1
2. O ECA	1
3. Direitos e compromissos	2
4. Fases da vida	3
5. Puberdade	3
6. Problemas da adolescência	4
7. O 7 erros e acertos dos pais	5
8. O que pode levar a depressão	6
9. Algumas dicas para quem sofre com espinhas	7
10. Para evitar uma gravidez é importante usar métodos contraceptivos	8
11.Sexo e = ou # de sexualidade	9
11.IST ou DST	9
12.Dicas para ficar saudável	10
13. Referência	11

Adolescência

É um importante momento da vida, cheio de descobertas e mudanças que, muitas das vezes, é de difícil compreensão. Para curtir a vida e desenvolver, todas as suas capacidades, é preciso muita saúde. Para isso, é necessário cuidar do seu próprio corpo e de seu bem-estar físico, emocional e psicológico. Esta cartilha foi confeccionada com a proposta de contribuir para que se minimize as principais dúvidas que, você adolescente, tem sobre sexualidade. Espero que goste!

O que é o
ECA ?

SE LIGA!! Toda Criança e Adolescente tem seus direitos garantidos por lei, conhecida como Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA)

É hora de conhecer um pouco mais sobre este importante instrumento de defesa dos direitos das crianças e dos adolescentes.

O Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA) é um documento que reúne normas e ordenamentos jurídicos que asseguram os direitos e deveres de crianças e adolescentes no Brasil. A Constituição Federal Brasileira, em seu artigo 227, também assegura a proteção integral da criança e do adolescente:

Art.227: "É dever da família, da sociedade e do Estado assegurar à criança e ao adolescente, com absoluta prioridade, o direito à vida, à saúde, à alimentação, à educação, ao lazer, à profissionalização, à cultura, à dignidade, ao respeito, à liberdade e à convivência familiar e comunitária, além de colocá-los a salvo de toda forma de negligência, discriminação, exploração, violência, crueldade e opressão."

Direitos = Compromissos

Direito de ter escola e educação

- Nosso compromisso é frequentar as aulas, estudar, cuidar da escola etc.

Direito à saúde e à prevenção

- Nosso compromisso é cuidar da nossa saúde, buscar informações e orientação nas unidades de saúde. Por exemplo, usar o preservativo em todas as relações e práticas sexuais.

Direito à liberdade, respeito e dignidade

- Nosso compromisso é respeitar as pessoas, agir com dignidade, ética e cidadania, usufruir com responsabilidade e conquistar nossa liberdade etc.

Ainda, o Estatuto da Juventude dispõe sobre os direitos dos/as jovens, os princípios e diretrizes das políticas públicas de juventude e o Sistema Nacional de Juventude – SINAJUVE. Este documento compreende, para efeito das leis e diretrizes, os/as jovens são pessoas com idades entre 15 (quinze) e 29 (vinte e nove) ano.



- **Dever a vida e a saúde;**
- **Direito á liberdade ao respeito e á dignidade;**
- **Direito á convivência familiar e comunitária;**
- **Direito á educação á cultura, ao esporte e ao lazer;**
- **Direito á profissionalização e á proteção de trabalho.**

Saiba mais em: <http://www.adov.clescencia.org.br/site-pt-br/eca>

Fases da vida

Infância = 0 - 9 anos

Puberdade = 10 - 14 anos

Adolescência = 15 - 21 anos

Adulto = 22 - 64 anos

Idoso = + 65 anos

Puberdade

A puberdade é o período em que ocorrem mudanças biológicas e fisiológicas. É neste período, que o corpo se desenvolve física e mentalmente, tornando-se maduro, portanto capacitado para gerar filhos. Ela não deve ser compreendida como sinônimo de adolescência, visto que a puberdade faz parte da adolescência.

Características da Puberdade e Precoce		
Meninos <ul style="list-style-type: none">• Aumento dos testículos• Pelos pubianos e axilares• Odor axilar• Alteração do comportamento• Tendência a agressividade• Crescimento acelerado• Espinhas e acne• Alteração no timbre de voz		Meninas <ul style="list-style-type: none">• Broto mamário (aumento das mamas)• Pelos pubianos e axilares• Odor axilar• Crescimento acelerado• Aumento da oleosidade da pele• Espinhas e acne• Menstruação

Fonte: <http://pepezin.blogspot.com/2013/04/puberdade.html>

Problemas da adolescência?



A adolescência é uma fase da vida um pouco confusa em que o jovem não é criança nem adulto, um período de desenvolvimento físico e psicológico. Nesse período surgem conflitos de identidade, ou seja,

 ANSIEDADE	 DEPRESSÃO
 Medo de Morte	 Possível desejo de Morte
 Inquietação Permanente	 Tristeza Patológica
 Preocupação excessiva com o futuro	 Desistência do hoje baseado no passado
 Aceleração	 Apatia
 Sensação de que algo ruim acontecerá	 Sensação de vazio
Dão àquela ajudinha:	
 Prática de Esporte e Lazer	 Acompanhamento Profissional

Fonte: <https://univar.edu.br/curso-em-saude-publica-auxilia-populacao-no-diagnostico-de-depressao-e-ansiedade>

OS 7 ERROS E ACERTOS DOS PAIS

PAIS OMISSOS	PAIS PRESENTES
1- Não demonstram carinho e participação, não elogiam, não tem orgulho, não se envolvem nas atividades diárias dos filhos.	1- São carinhosos, demonstram carinho e atenção participam de todas as atividades.
2- Usam palmadas e surras, usam técnicas de controle negativo, focalizam sempre nos erros.	2- Apresentam as consequências, observam e valorizam comportamentos, estabelecem regras.
3- São inconsistentes, mudam de ideia a qualquer momento, as regras dependem do humor.	3- São coerentes e consistentes, mantem a regra, independente, do seu estado de humor, monitoram as atividades.
4- Não estabelecem regras ao filho que deve adivinhar o que será feito, não há clareza nas tarefas.	4- Definem regras e limites, criam regras junto com os filhos e cumprem tanto as promessas quanto às consequências pelos erros.
5- Usam disciplina exagerada, quando os filhos erram, gritam xingam e discutem.	5- Treinam técnicas de autocontrole, sabem que gritar, xingar e bater não educa ninguém.
6- Os pais apresentam um relacionamento conturbado, brigam o tempo todo.	6- Os pais mantêm entre si um relacionamento respeitoso e carinhoso; quando brigam, fazem longe dos filhos.
7- Têm expectativas irrealistas, não tem noção sobre o desenvolvimento humano e esperam demais dos filhos.	7- Amam os filhos pelo que eles são, sabem que não vêm ao mundo para preencher expectativas e devem construir sua história.

Fonte: <https://www.gazetadopovo.com.br>

O que pode levar a depressão ?



Sinais que podem indicar depressão na adolescência



Fonte <https://www.imgrumweb.com>

Algumas dicas para quem sofre com espinhas

- Lavar o rosto, duas vezes ao dia, é indispensável. O uso de sabonetes neutros e esfoliantes reduzem a oleosidade;
- Mantenha uma alimentação equilibrada e livre de gorduras, pois é essencial para a saúde da pele;
- Evite a exposição ao sol. Inicialmente, os raios ultravioletas melhoram a aparência da espinha, porém depois podem piorar o quadro;
- Consulte um dermatologista para indicar os melhores tratamentos!



Fonte: <http://adolescenciaeatitude.blogspot.com>

Para evitar uma gravidez é importante usar Métodos Contraceptivos

Camisinha(feminina e masculina)



É o método mais utilizado e mais seguro para evitar DSTs/HIV através das relações sexuais.

Diafragma



É um anel de borracha flexível colocado na vagina pela própria mulher, com função de impedir a passagem de espermatozoide para o útero da mulher.

Espemicidas



São pomadas ou cremes que destroem os espermatozoides, devendo ser colocado no fundo da vagina pela própria mulher, alguns minutos antes da relação.

DIU



É um pequeno objeto de plástico colocado no útero da mulher por um profissional de saúde habilitado.

Pilula anticoncepcional



São comprimidos que contêm hormônios iguais aos produzidos pelo corpo da mulher. Deve ser tomado todos os dias e no mesmo horário para evitar a gravidez.

Injetável



É uma injeção de hormônio igual aos produzidos pelo corpo da mulher. Devendo ser aplicado mensalmente ou trimestralmente.

Vasectomia



É uma cirurgia rápida na qual é realizado um corte em um pequeno canal perto dos testículos do homem. Obs.: O homem continua com a mesma potência só não poderá engravidar uma mulher.

Ligação tubária



É uma pequena cirurgia na qual é feito um corte nas trompas, o que impede a fecundação.

Sexo = ou ≠ de Sexualidade?

Muitas pessoas pensam que ao falar de sexualidade estamos falando apenas de sexo. É importante entender que sexo se refere à definição dos órgãos genitais (masculino ou feminino) ou também pode ser compreendido como a prática/relação sexual. Já, o conceito de sexualidade está ligado a tudo aquilo que somos capazes de sentir e expressar.



Fonte: <https://jsimelo.blogspot.com>

IST - infecção sexualmente transmissível ou

Dst - Doença sexualmente transmissível?

An infographic on a chalkboard background explaining the change from DST to IST. It features a dashed arrow pointing from DST to IST. The text is written in white and yellow on the dark background.

PORQUE O TERMO MUDOU DE

DST
DOENÇAS
SEXUALMENTE
TRANSMISSÍVEIS

PARA

IST
INFECÇÕES
SEXUALMENTE
TRANSMISSÍVEIS

AS "DOENÇAS" IMPLICAM SINTOMAS E SINAIS VISÍVEIS NO ORGANISMO DO INDIVÍDUO.

JÁ AS "INFECÇÕES" PODEM TER PERÍODOS ASSINTOMÁTICOS (COMO SÍFILIS, HERPES GENITAL, CONDILOMA ACUMINADO) E ATÉ SE MANTER ASSINTOMÁTICAS

DURANTE TODA A VIDA DO INDIVÍDUO (COMO A INFECÇÃO PELO HPV E O VÍRUS DO HERPES), E SÃO SOMENTE DETECTADAS POR MEIO DE EXAMES LABORATORIAIS.

POR ISSO, O TERMO IST É MAIS ADEQUADO.

Fonte: <http://picdeer.org/ideallaboratorio>

Dicas para ser saudável

- Procure manter uma alimentação saudável;
- Beba água várias vezes ao dia;
- Tome banho diariamente;
- Tenha higiene com os dentes, as unhas e os cabelos;
- Nunca empreste ou pegue emprestada escova de dente, roupa íntima ou de banho;
- Procure dormir no mínimo 8 horas por noite;
- Não fique por muitas horas consecutivas no videogame, computador ou celular;
- Pratique atividades físicas;
- Evite andar em lugares perigosos;
- Proteja-se do sol, use filtro solar;
- Mantenha sua vacinação em dia de acordo com o calendário;
- Não fume e não consuma bebida alcoólica ou outras drogas;
- Não pegue carona com quem consumiu bebida alcoólica;
- Não tome medicação sem orientação médica;
- Para perder ou ganhar peso procure orientação médica;
- Coma 5 ou 6 vezes por dia alimentos saudáveis;

4. Referências

- AQUINO, J. G. (Org). **Sexualidade na Escola**. 3ªed. São Paulo: Summus Editorial, 1997.
- ALTMANN, H. **Diversidade sexual e educação: desafios para a formação docente**. Sexualidad, Salud y Sociedad, Rio de Janeiro: CLAM/UERJ, n. 13, p. 69-82, abr. 2013.
- AURELIO, B. H. F. **Dicionário de Língua Portuguesa**. 5º edição, 2014.
- BOA SAÚDE. <http://www.boasaude.com.br> <acessado em 10 de março de 2018>
- BRASIL. Ministério da Educação e do Desporto. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros curriculares nacionais: pluralidade cultural: orientação sexual**. 2.ed. Brasília, 2000. v. 10, p. 112-128.
- BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros curriculares nacionais : introdução aos parâmetros curriculares nacionais / Secretaria de Educação Fundamental**. – Brasília : MEC/SEF, 1997. 126p.
- BRASIL. Conselho Nacional de Educação. **Diretrizes Curriculares Nacionais** – Brasília: MEC/CEB, 1998.
- BRASIL. **Estatuto da criança e adolescente**, http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/ Ato2011-2014/2014/Lei/L13010.htm#art2 <acessado em 28 de abril de 2018>
- CÉSAR, M.R.A. **Gênero, sexualidade e educação: notas para uma "Epistemologia"**. Educ. rev. [online], n.35, p.37-51, 2009.
- CORDEIRO, M. (2003). **Sexualidade. Algumas questões**. In SÁ, E. (Coord.) (2003). **Quero-te! Psicologia da Sexualidade**. Coimbra: Quarteto Editora.
- COSTA, M. **Sexualidade na adolescência: dilemas e crescimento**. 8. ed. São Paulo: L & PM Editores, 1986.
- DINIZ, N.; LUZ, A.A. **Educação sexual na perspectiva histórico-cultural**. Educar: UFPR, Curitiba, n. 30, p. 77-87, 2007.
- DEMO, P. **Metodologia científica em ciências sociais**. São Paulo:Atlas, 1985.
- DELIZOICOV, D; ANGOTTI, José André; PERNAMBUCO, Martha Maria. **Ensino de Ciências: fundamentos e métodos**. 3. ed. São Paulo: Cortez, 2009.
- DELIZOICOV, D; ANGOTTI, J. A. P.; PERNAMBUCO, M. M. C. A. **Ensino de ciências: fundamentos e métodos**. 4ªed. São Paulo: Cortez, 2011.
- EGYPTO, A.C. et al. **Papéis sexuais**. In: BARROSO, C.; BRUSCHINI, C. **Sexo e juventude: como discutir a sexualidade em casa e na escola**. 4. ed. São Paulo: Cortez, 1991. 07. Curitiba, n. 30, p. 77-87, 2007.
- FIGUEIRÓ, M. N. D. **Educação Sexual: Retomando uma proposta, um desafio**. 3ª Ed. rev. e atual. – Londrina: Eduel, 2010.
- FOUCAULT, M. **História da sexualidade: o cuidado de si**. 10. ed. Tradução de Maria Thereza da Costa Albuquerque e José Augusto Guilhaon Albuquerque. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1988. v. 3
- FREUD, S. **Obras Completas**. Rio de Janeiro: Imago, 1974.
- FURLANI, J. **Mitos e tabus da sexualidade humana: subsídios ao trabalho em educação sexual**. 3. Ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2007.
- FURLANI, J. **Mitos e Tabus da Sexualidade Humana**. Florianópolis: CEPEC, 1998.

GAUDERER, C. **A vida sem receitas**. 2ª ed. Rio de Janeiro: Objetiva, 1994.

GIORDAN, M. **Computadores e linguagens nas aulas de ciências: uma perspectiva sociocultural para compreender a construção de significados**. Ijuí: Unijuí, 2008.

Indagações sobre currículo : diversidade e currículo / [Nilma Lino Gomes] ; organização do documento Jeanete Beauchamp, Sandra Denise Pagel, Aricélia Ribeiro do Nascimento. – Brasília : Ministério da Educação, Secretaria de Educação Básica, 2007. disponível em: <http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/Ensfund/indag4.pdf>

LAKATOS, E. M.; MARCONI, M. A. **Metodologia do trabalho científico**. 4ªed. São Paulo: Atlas, 1992.
LOPES, A. R. C; **Conhecimento escolar: ciência e cotidiano**. Rio de Janeiro: UERJ, 1999.
MAIA, A. C. B.; FARIAS, M.de. O.; PACINI, B. A.; FRANCISCO JÚNIOR, L.C.; FREITAS, R.M.C. **Orientação sexual para professores: formulário para avaliar a aquisição de conhecimento sobre sexualidade infantil**. Mimesis (Bauru), v. 27, n. 2, p. 107- 123, 2006.

MALDANER, O.L; ZANON, L.B. **Situação de estudo: uma organização do ensino que extrapola a formação disciplinar em ciências**. Revista Espaço da Escola, Ijuí: Ed. Unijuí, n. 41, p. 44, 2001.

MALDANER, O.L. **A pesquisa como perspectiva de formação continuada do professor de química**. Química Nova, São Paulo, v. 22, n. 2, p. 289-292.

MALTA, S.C.L. **UMA ABORDAGEM SOBRE CURRÍCULO E TEORIAS AFINS VISANDO À COMPREENSÃO E MUDANÇA**. ESPAÇO DO CURRÍCULO, v.6, n.2, p.340-354, Maio a Agosto de 2013 ISSN 1983-1579 <http://periodicos.ufpb.br/ojs2/index.php/rec340>

MARQUES, V.B. **A Medicalização da Raça. Médicos, educadores e discurso eugênico**. Campinas: Unicamp, 1994.

MARTINS, L.; Santos, G.S.; EL-HANI, C.N. As abordagens de saúde em um livro didático de biologia largamente usado no ensino médio brasileiro. **Investigações em Ensino de Ciências**, Porto Alegre.V17(1), pp. 249-283, 2012 Abri. 2012. Disponível em: <https://www.if.ufrgs.br/cref/ojs/index.php/jenci/article/view/215/149>

MATOS, A. A. de; OLIVEIRA, S.F.de. **Contribuição da sexologia sobre o trabalho de orientação sexual na escola**: uma revisão bibliográfica, 2011. Portal da Prefeitura de Lambari D'oeste – MG (2011).
MORRISON, H. C. **The practice of teaching in the secondary school**. Chicago: The University of Chicago Press, 1931.

NUNES, C. A. **Desvendando a Sexualidade**. 2ª ed. Campinas: Papyrus, p. 20, 1997.
QUIRINO, G. S.; Rocha, J. B. T. **Sexualidade e educação sexual na percepção docente**. Educar em Revista, Curitiba: UFPR, n. 43, p. 204-225, 2012.

SACRISTÁN, G. **Os professores como Planejadores**. IN: SACRISTÁN, Gimeno; GÓMEZ, Pérez A.I. **Compreender e transformar o ensino**. 4º ed. São Paulo: Artmed, 1998. p. 271-293.

SANTOS, D.B.C, ARAÚJO; D.C. **Sexualidade e Gêneros**: questões introdutórias. In: Sexualidade. Secretaria de Estado da Educação. 16ª Superintendência de Educação. Departamento de Diversidades. Núcleo de Gênero e Diversidade Sexual. - Curitiba: SEED – PR. p. 13 – 28, 2009.

SANTOS, M.A. **Orientação Sexual no 1º e 2º ciclos de ensino fundamental: uma realidade distante?** Monografia (Pedagogia) – Universidade Federal do Rio Grande do Norte, 2001.

SFAIR, S.C; BITTAR. M.; LOPES R.E. **Educação sexual para adolescentes e jovens: mapeando proposições oficiais**. Saude soc. [online]. vol.24, n.2, 2015.

SIQUEIRA, F. R.M. **História da Sexualidade Brasileira**. São Paulo: Leitura Médica, 2008.
SOUZA, C. P. (org.) **História da Educação. Processos, práticas e saberes**. São Paulo: Escrituras, 2002.

TUCKMANTEL. M. M. **A sexualidade vai à escola: da informação biológico-reprodutiva à formação do sujeito ético**. Revista Trilhas Pedagógicas, Pirassununga, v. 1, n. 1, p. 38-62, ago. 2011

VIGOTSKI, L.S. **A construção do Pensamento e da Linguagem**. Tradução de Paulo Bezerra. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

WEREBE, M J G. **Educação sexual: instrumento de democratização ou de mais repressão?** Cadernos de Pesquisa, São Paulo, n.36, p.99-110, fev. 1981.